

Algumas contribuições de Freud e Melanie Klein no campo das psicoses: confluências e divergências*

Some contributions of Freud and Melanie Klein within the field of the psychoses: confluences and disagreements

Maria Josefina Medeiros Santosⁱ

Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais,
Belo Horizonte – MG, Brasil.

Resumo

O artigo tem a intenção de estabelecer um paralelo entre algumas das construções teóricas de Melanie Klein e Freud acerca das psicoses. Embora o diálogo entre tais autores tenha sido limitado, o presente artigo visa demonstrar o quão ricas e relevantes foram suas teorizações no tocante ao fenômeno psicótico, construções que ainda hoje nos auxiliam no manejo com pacientes psicóticos. No que concerne ao trabalho freudiano, o artigo re-visita principalmente dois de seus textos: *Neurose e psicose* de 1923 e *A perda da realidade na neurose e na psicose* de 1924. Em relação à Melanie Klein, foi resgatado um de seus mais importantes trabalhos: *Notas sobre alguns mecanismos esquizóides* de 1946. Além disso, busca-se evidenciar de que maneira os mecanismos de defesa postulados por Klein se relacionam com o funcionamento psicótico, principalmente no tocante à identificação projetiva e o modo como essa reverbera na psicose.

Palavras-chave: Psicose, Freud, Melanie Klein.

Abstract

The article intends to establish a parallel between some of the theoretical constructions of Melanie Klein and Freud about the psychoses. Though the dialog between such authors has been limited, the present article aims to demonstrate how rich and relevant their works were regarding the psychotic phenomenon, constructions that still today help us in the handling with psychotic patients. In what it concerns the freudian work, the article re-visits principally two of his texts: *Neurosis and psychosis* of 1923 and *The loss of reality in neurosis and psychosis* of 1924. Regarding Melanie Klein, it was rescued one of her most important work: *Notes on some schizoid mechanisms* of 1946. Besides, it is looked to show up in which way the mechanisms of defense postulated by Klein connect with the psychotic functioning, principally regarding the projective identification and the way since that one is reflected in the psychosis.

Key-words: Psychosis, Freud, Melanie Klein.



* A autora gostaria de agradecer a Cassandra Pereira França pelas excelentes aulas e por ter me mostrado o quão interessante pode ser a teoria kleiniana.

Embora Freud tenha alimentado uma severa rivalidade e desaprovação perante as contribuições teóricas kleinianas, é incontestável o enriquecimento propiciado por Melanie Klein no bojo da psicanálise. Freud nunca se conformou com o fato de Klein ter assumido uma posição de maior destaque que sua filha Anna no campo da psicanálise infantil, acontecimento que o levou a assumir uma atitude reticente e por vezes contestadora diante do trabalho kleiniano (França, 2006). Contudo, tal rixa animada por orgulhos intelectuais e familiares, só fez empobrecer o campo psicanalítico, uma vez que, articulações entre os ensinamentos freudiano e kleiniano teriam sido bastante enriquecedoras, principalmente no tocante à compreensão da psicose, aspecto com o qual este presente artigo se ocupa.

Desse modo, o presente trabalho se justifica como uma via de confluência, tentando reunir, a um só tempo, considerações relevantes concernentes à elucidação da psicose. Com o transcurso do artigo, poder-se-á entrever que, a despeito das querelas empreendidas entre o Freud e Melanie Klein, existem pontos de semelhança na maneira como ambos compreendem esse fenômeno que há muito inquieta e confronta os profissionais da saúde mental, isto é, o fenômeno psicótico.

Buscarei estabelecer aqui um paralelo entre a compreensão freudiana e kleiniana a respeito da psicose, evidenciando os modos como cada autor apreendeu a gênese de tal fenômeno, bem como as dificuldades por eles enfrentadas diante de tal afecção.

Primeiramente, me ocuparei com a teoria freudiana, lançando mão, em especial, de dois textos do autor: *Neurose e Psicose* (1924/1976) e *A perda da realidade na neurose e na psicose* (1924).

É sabido que uma das mais ricas contribuições freudianas a respeito da psicose se insere em seu trabalho intitulado *Notas psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de*

paranóia, de 1911. Este ensaio, mais conhecido como “O Caso Schreber”, corresponde à análise efetuada por Freud a partir de sua leitura do livro de memórias do Senatspräsident Schreber, publicado em 1903. Esse trabalho visou primordialmente efetuar uma investigação psicanalítica acerca dos mecanismos da paranóia. Schreber desenvolveu um sistema delirante baseado na crença de que “tinha a missão de redimir o mundo e restituir-lhe o estado perdido de beatitude. Isso, entretanto, só poderia realizar se primeiro se transformasse de homem em mulher” (p.31-32). Essa metamorfose sexual tinha o propósito de torná-lo a mulher de Deus, tendo Este a incumbência de fecundá-lo (a), originando assim uma nova raça de homens. Tal trabalho propiciou importantes aprimoramentos no campo da psicose, reverberando nas construções posteriores de Freud a respeito do tema. Em *Neurose e Psicose* (1924/1976) e *A perda da realidade na neurose e na psicose* (1924), o autor retoma algumas das ideias presentes no “Caso Schreber”, sistematizando-as e enriquecendo-as¹.

Para a elucidação da psicose a partir da metapsicologia kleiniana, abordarei a questão concernente à ansiedade e sua importância basililar nos mecanismos psicóticos. Além disso, retomarei a ideia de posição esquizo-paranóide, evidenciando que uma permanência prolongada em tal posição reverbera de modo patológico na saúde psíquica do sujeito. Também far-se-á necessário retomar, dentre outras noções, a identificação projetiva e a maneira como esta afeta a constituição egóica.

Psicose em Freud

¹ O “Caso Schreber” não foi profundamente abordado devido à sua extensão e complexidade. Por ora, desse modo, outros trabalhos do autor que contemplaram a problemática proposta serão enfocados

Já nas publicações pré-psicanalíticas, em textos como “As neuropsicoses de defesa” (1894) é possível encontrar menções relativas à questão da psicose. Embora Freud tenha se posicionado de um modo um tanto pessimista perante a psicose, considerando que os analistas deveriam limitar a escolha de seus pacientes àqueles que possuíssem “uma condição mental normal” (Rosenfeld, 1988, p.317), é inegável os esforços por ele empreendidos na apreensão do fenômeno psicótico. A despeito de julgar os métodos psicanalíticos da época ineptos para o tratamento de psicóticos (para o “pai da psicanálise”, o ego do psicótico não seria suficientemente integrado para manter uma aliança terapêutica e auxiliar na análise), Freud tentou compreender os modos de funcionamento dessa afecção, buscando estabelecer em que medida a psicose e a neurose se distinguem.

No texto de 1923, intitulado *Neurose e psicose*, Freud irá dizer que “a neurose é o resultado de um conflito entre o ego e o id, ao passo que a psicose é o desfecho análogo de um distúrbio semelhante nas relações entre o ego e o mundo externo” (Freud, 1924/1976, p.189).

Para falar da psicose nesse trabalho, Freud resgata a chamada *amênia de Meynert*: “uma confusão alucinatória aguda que constitui talvez a forma mais extrema e notável de psicose” (Freud, 1924/1976, p.190). A partir de tal menção, Freud nos aponta que na psicose o mundo exterior não é percebido de modo algum, ou a percepção deste não surte qualquer efeito. Nesse distúrbio, portanto,

[...] o ego cria autocraticamente um novo mundo externo e interno, e não pode haver dúvida quanto a dois fatos: que esse novo mundo é construído de acordo com impulsos desejosos do id e que o motivo dessa dissociação do mundo externo é alguma frustração muito séria de um desejo, por parte da realidade – frustração que parece

intolerável [...] (Freud, 1924/1976, p.190).

Dessa maneira, tanto a psicose quanto a neurose teriam uma etiologia comum: ambas possuem sua gênese em uma frustração, em uma não realização de profundos desejos infantis.

Freud complementa seu raciocínio dizendo que o efeito patogênico irá depender da medida em que o ego é capaz de permanecer fiel à sua dependência do mundo externo. Se o ego é eficiente no sentido de silenciar o id, temos como resultado a neurose; se, por sua vez, ele for incapaz de derrotar o id, ele é arrancado da realidade e presenciamos a psicose.

Outro importante aspecto exposto por Freud nesse trabalho diz respeito à gênese dos delírios. Reforçando o que já houvera dito² a respeito dessa modalidade de fenômeno elementar, o autor defende a ideia de que “o delírio se encontra aplicado como um remendo no lugar em que originalmente uma fenda apareceu na relação do ego com o mundo externo” (Freud, 1924/1976, p.192). Os delírios, dessa forma, seriam uma tentativa de cura, uma forma encontrada pelo sujeito para não se desvencilhar por completo da realidade. No lugar da fenda entre o ego e o mundo externo, surgiria, portanto, uma amarração, um “remendo” que, ainda que de um modo rudimentar, conecta o doente ao mundo.

No texto de 1924, *A perda da realidade na neurose e na psicose*, Freud completa sua teorização relativa à influência da realidade nesses dois distúrbios. Nesse trabalho, o autor insere a ideia de que também são notados, em formas graves de neuroses, patentes afastamentos da vida real.

² Freud faz importantes considerações a respeito do delírio no texto referente às *Notas psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranoia*, de 1911, no qual estuda de modo minucioso o Caso Schreber.

A fim de clarear tal suposição, Freud lança mão de um caso clínico por ele analisado nos *Estudos sobre a Histeria* (1895). O caso se centra em uma jovem paciente que estava enamorada por seu cunhado. De pé, ao lado do leito de morte de sua irmã, ela se horroriza ao ter o seguinte pensamento: “Agora ele está livre e pode se casar comigo” (Freud, 1895/1976, p.166). Contudo, essa cena foi instantaneamente esquecida e o processo de regressão, que conduziu a seus padecimentos histéricos, foi acionado. Nessa solução neurótica, entrevê-se a repressão de uma exigência instintual e um compromisso com a realidade representada pelo falecimento da irmã. A reação psicótica, por seu turno, teria sido uma rejeição da própria morte da irmã.

Em seguida, Freud reitera um ponto de confluência entre neurose e psicose, previamente discutido no trabalho de 1923. O autor defende a ideia de que tanto a neurose quanto a psicose expressam uma rebelião por parte do id contra o mundo externo, elas expressam uma indisposição ou incapacidade do ego se adaptar às exigências da realidade. Freud acaba por concluir que:

[...] a neurose não repudia a realidade, apenas a ignora; a psicose a repudia e tenta substituí-la (...) e isso muito radicalmente se efetua mediante a alucinação. O fato de em tantas formas e casos de psicose as paramnésias, os delírios e as alucinações que ocorrem, serem de caráter muito aflitivo estarem ligados a uma geração de ansiedade, é sem dúvida sinal de que todo o processo de remodelagem é levado a cabo contra forças que se lhe opõem violentamente [...] (Freud, 1924/1976, p.232).

Para Freud, portanto, a principal analogia entre neurose e psicose reside no fato que ambas aspiram uma substituição de determinados fragmentos da realidade. Na primeira, há um laço com o mundo da fantasia que possibilita a realização de desejos reprimidos; na segunda, isso não ocorre, havendo uma

desconexão com o princípio da realidade, o que leva o ego a se render ao descontrole pulsional do id. O autor conclui esse trabalho dizendo: “tanto na neurose quanto na psicose interessa a questão não apenas relativa a uma perda de realidade, mas também a um substituto para a realidade” (Freud, 1924/1976, p.234).

Psicose em Melanie Klein

Os processos mentais psicóticos foram objeto de investigação de Melanie Klein durante toda a sua vida profissional. Para a autora, esses processos ocorriam muito mais precocemente do que se supunha, havendo duas formas distintas de manifestações desse distúrbio. A primeira delas se daria em bebês normais como parte de um desenvolvimento sadio, afinal, para Klein todos nós possuímos um núcleo psicótico; e, na segunda delas, em uma forma proliferada e anormal, sendo possível a manifestação de graves quadros psicóticos na mais tenra infância³.

A explicação kleiniana para a gênese das psicoses se sustenta na pulsão de morte. A autora defende a ideia de que todos nós nascemos com um quantum de pulsão de vida e de morte. Klein sustenta a hipótese de que indivíduos psicóticos possuem uma quantidade de pulsão de morte muito exacerbada, o que dificultaria a saída do bebê do mundo de fantasias no qual se encontra imerso. Esse mergulho fantasmático faz com que o infante se torne incapaz de criar representações externas, tornando-se um prisioneiro da posição esquizo-paranóide (que será aqui elucidada) (França, 2008).

Faz-se importante escandir o postulado kleiniano de que todos nós possuímos um núcleo psicótico. Para isso, será necessário introduzir duas das

³ Nota explicativa da Comissão Editorial Inglesa a respeito do texto de Melanie Klein intitulado “Uma nota explicativa sobre a depressão no esquizofrênico” (1960/2006).

teorizações mais originais e relevantes no bojo da metapsicologia de Melanie Klein, as referentes à posição esquizo-paranóide e à posição depressiva.

No texto de 1946, intitulado *Notas sobre alguns mecanismos esquizóides*, Klein nos fornece a ideia de que surgem na primeira infância ansiedades bastante poderosas que são típicas das psicoses, o que acaba por forçar o ego a desenvolver mecanismos de defesas específicos. A autora nos dirá que é justamente nesse período que se presentificam os pontos de fixação de todos os distúrbios psicóticos.

A fim de adentrar na elucidação do posicionamento esquizóide, Klein se expressa acerca das relações de objeto, dizendo que “sendo o primeiro objeto o seio da mãe, o qual, para a criança, fica cindido em um seio bom (gratificador) e um seio mau (frustrador); essa cisão resulta numa separação entre o amor e o ódio” (Klein, 1946/2006, p.21).

Imerso em um mundo de sentimentos ambivalentes e incapaz de notar que o mesmo seio que gratifica é o que frustra, o bebê kleiniano projeta seus mais arcaicos impulsos destrutivos por meio de ataques sádico-orais ao seio materno, agressões que posteriormente se estendem para todo o corpo da mãe (Klein, 1946/2006).

É nesse momento que a autora insere a ideiação concernente aos medos persecutórios e suas reverberações no psiquismo infantil. Klein nos dirá que os medos persecutórios advindos dos impulsos sádico-orais do bebê (representados pelo desejo infantil de assaltar o corpo materno e retirar seus conteúdos bons, assim como os impulsos sádico-orais de inserir dentro da mãe seus próprios excrementos⁴) serão de grande importância para o desenvolvimento da paranoia e da esquizofrenia. (Klein, 1946/2006, p.21).

Melanie Klein afirma que se os medos persecutórios fossem deveras intensos e o bebê se tornasse incapaz de elaborar a desintegração típica da posição esquizo-paranóide, o resultado de tal fracasso seria um reforço regressivo dos medos persecutórios e um fortalecimento dos pontos de fixação psicóticos.

A posição esquizo-paranóide, dessa maneira, é esta fase primitiva do desenvolvimento caracterizada por profundas ansiedades engendradas pelo medo de que o objeto ou objetos perseguidores entrarão no ego e dominarão e aniquilarão tanto o objeto ideal quanto o eu (Segal, 1975, p.38).

Como já foi dito, a necessidade vital de lidar com esse medo de aniquilamento leva o ego arcaico a desenvolver mecanismos de defesa. Tal como foi anteriormente expresso, o impulso destrutivo é projetado para fora, recaindo sobre o primeiro objeto externo, ou seja, o seio da mãe. Contudo, Klein (1946) entende não ser possível para o ego cindir o objeto (seio bom e seio mau) sem que se ocorresse uma cisão correspondente dentro dele. Tal fato subjaz à desintegração egóica imanente ao estado esquizóide. Na esquizofrenia, e também em outras formas de psicose, observamos uma espécie de despedaçamento do ego, o que reitera a suposição de que os indivíduos psicóticos encontram-se fixados na posição esquizo-paranóide. Além disso, é característico dessa posição um profundo mergulho em estados narcísicos, posicionamento igualmente presente nas psicoses sob a forma de um desinvestimento libidinal no mundo externo e um conseqüente retraimento de libido sobre o ego⁵.

Antes de prosseguirmos, vale tocar, de modo sucinto, o outro lado do pêndulo kleiniano: a posição depressiva.

⁴ Em “Early stages of the Oedipus Conflict”, Klein descreve o mundo de horror e psicose resultante dos ataques em fantasia ao interior da mãe.

⁵ Melanie Klein buscou evidenciar que uma fuga da realidade se constituiu tanto como uma defesa normal da infância como também, se for capaz de impregnar de modo excessivo a personalidade, a base da psicose infantil.

As grandes conquistas relacionadas a tal posicionamento são uma progressiva integração egóica, o início do manejo por parte do bebê da realidade da castração, e, principalmente, a percepção que o mesmo objeto que frustra é o que gratifica. Embora continuamente nos desloquemos entre as duas posições, a relativa à depressiva é mais saudável em termos psíquicos, uma vez que, dentre outras conquistas, demonstra que o indivíduo é mais apto a lidar com frustrações (França, 2008).

Melanie Klein (1946/2006), a fim de elucidar o fenômeno psicótico, lançou mão dos mecanismos de defesa, em especial da cisão, projeção e introjeção. O primeiro deles é resultado das experiências de gratificação e frustração, e a conseqüente distinção entre seio bom e mau. O segundo se relaciona à projeção de impulsos de amor e de destrutividade que são respectivamente atribuídos ao seio gratificador (bom) e o seio frustrador (mau). Por fim, pela via da introjeção, um seio bom e um seio mau são estabelecidos dentro do bebê. O seio bom, tanto o externo quanto o interno, irá se tornar o protótipo de todos os objetos gratificadores, enquanto o seio mau (interno e externo) tornar-se-á o protótipo de todos os objetos persecutórios (Klein, 1946/2006). E de que maneira podemos contemplar tais mecanismos de defesa na apreensão da psicose?

Para responder a essa questão, podemos a um só tempo relacionar cisão, projeção e introjeção. Klein sustenta que quanto mais distantes o objeto idealizado e o objeto persecutório se encontram no ego (construções de objetos que só foram passíveis de serem introjetadas por meio da cisão e da projeção), mais desintegrado e mais povoado por ansiedades persecutórias ele se encontraria. E como já foi visto anteriormente, ansiedades persecutórias desmedidas, assim como uma profunda desintegração egóica subjazem ao modo de funcionamento psicótico. A análise

kleiniana deve trabalhar no sentido de diminuir a distância entre objeto idealizado e persecutório, o que influenciará na maneira como o indivíduo lida com a realidade e com as frustrações (França, 2008).

As noções concernentes à projeção e à identificação projetiva são frequentemente alvos de equívocos, não sendo incomum que sejam tratadas como sinônimos. Contudo, ambas possuem suas especificidades, sendo importante aqui nos centrarmos nas relações presentes entre identificação projetiva e psicose.

O conceito referente à identificação projetiva foi introduzido na metapsicologia kleiniana para designar um modo particular de projeção e identificação que se baseia na introdução de determinados atributos e desejos em um objeto externo.

A identificação projetiva é muito mais intensa que a projeção, sendo característico da primeira a capacidade de afetar o psiquismo daquela pessoa sobre a qual incide. Esse modo específico de projeção é típico da posição esquizo-paranóide, nos insinuando que o ego ainda não se encontra íntegro. Mais que isso, a grande presença de identificações projetivas nos revela, além de uma patente negação de sentimentos próprios, a existência de um corpo aberto, sujeito às mais diversas influências externas (França, 2008).

Klein (1946/2006) nos dirá que identificações projetivas excessivas irão gerar um enfraquecimento e empobrecimento do ego. E isso reverbera diretamente nos modos de funcionamento psicóticos:

“Todavia, esse ego enfraquecido se torna também incapaz de assimilar seus objetos internos, e isso conduz ao sentimento de ser governado por eles. Novamente, esse ego enfraquecido se sente incapaz de tomar de volta para si as partes por ele projetadas no mundo externo. Essas várias perturbações na interação entre projeção e introjeção, e que implicam uma cisão excessiva do

ego, exercem um efeito prejudicial sobre a relação com o mundo interno e externo, e parecem estar na raiz de algumas formas de esquizofrenia [...] (Klein, 1946/2006, p.30).

Como pudemos observar, Melanie Klein lançou mão de uma série de teorizações a fim de elucidar o fenômeno psicótico. Para a autora, em sua gênese, temos a pulsão de morte; em seguida, observamos a importância dos mecanismos de defesa na estruturação psicótica, em especial o da identificação projetiva, defesa responsável por acarretar um poderoso empobrecimento egóico capaz de engendrar modos de funcionamento psicótico. Além disso, não podemos olvidar sua teorização referente à posição esquizo-paranóide e como uma fixação nessa posição pode levar à psicose.

Freud e Klein

Embora o diálogo entre Freud e Klein tenha sido prejudicado por rixas animadas por orgulhos familiares e

intelectuais, é possível notarmos o quão relevantes foram suas construções teóricas para a elucidação do fenômeno psicótico. Cada um, a seu modo, nos forneceu ricas contribuições para o manejo de pacientes psicóticos.

Interessante é observar como Freud e Klein se posicionaram frente às suas teorizações acerca da psicose. Enquanto Freud exibia um pessimismo assumido quanto aos eventuais benefícios oferecidos pela psicanálise em relação ao tratamento de pacientes psicóticos, Klein se posicionava de um modo bastante distinto frente às suas construções acerca desse distúrbio e os benefícios que elas poderiam trazer. Embora Klein fosse otimista perante o tratamento da psicose, ela não acreditava em uma cura para tal afecção. Contudo, Klein concebia a análise como uma medida profilática, sendo esta um meio de vazão da pulsão de morte. A análise kleiniana, desse modo, seria uma ferramenta capaz de garantir uma maior contenção e elaboração dessa pulsão, possibilitando também a integração do objeto total. ■

Referências bibliográficas

- França, C. P. (2006). *Estilos do Xadrez Psicanalítico: A técnica em questão*. Rio de Janeiro: Imago.
- _____. (2008). Anotações de aula. Disciplina: “*A metapsicologia kleiniana*”. Belo Horizonte, Universidade Federal de Minas Gerais.
- Freud, S. (1976) *Edições Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*. [ESB] (J. O. A. Abreu, Trad.). Rio de Janeiro: Imago.
- _____. *As neuropsicoses de defesa*. (1894/1976). Vol I da ESB. Rio de Janeiro: Imago.
- _____. *Estudos sobre a histeria*. (1895/1976). Vol II da ESB. Rio de Janeiro: Imago.
- _____. *Notas psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranóia (Dementia paranoides)*. (1911/1976). Vol. XII da ESB. Rio de Janeiro: Imago.

_____. *Neurose e Psicose*. (1924 [1923]/1976). Vol. XIX da ESB. Rio de Janeiro: Imago.

_____. *A perda da realidade na neurose e na psicose* (1924/1976). Vol. XIX da ESB. Rio de Janeiro: Imago.

Klein, M. (2006). "Notas sobre alguns mecanismos esquizóides" In: *Inveja e Gratidão e outros trabalhos 1946-1963*. (B. H. Mandelbaum, Trad.). Rio de Janeiro: Imago.

Rosenfeld, H. (1988). *Impasse e interpretação*. Rio de Janeiro: Imago.

Roudinesco, E., & Plon, M. (1998). (V. Ribeiro, Trad.). *Dicionário de Psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

Segal, H. (1975). (J. C. Guimarães, Trad.). *Introdução à obra de Melanie Klein*. Rio de Janeiro: Imago.

Recebido em: 24/03/2009

Revisado em: 18/10/2010

Aceito em: 27/09/2010

Sobre a autora:

ⁱ **Maria Josefina Medeiros Santos** é estudante do curso de Psicologia da Universidade Federal de Minas Gerais. **E-mail:** marianin83@yahoo.com.br



“Flor no gramado da Reitoria”, por Isabella Lima.